

# Ministérios de Dança: da composição estética à performance no culto evangélico<sup>1</sup>

Ana Letícia Aires Ribeiro Ricco

PPCIS/UERJ

## RESUMO

A dança como possibilidade de adoração na liturgia do culto evangélico, é uma prática recente, que não compartilha de unanimidade entre as denominações protestantes. Contudo no decorrer dos anos, as estratégias de aprimoramento técnico em congressos e seminários divulgados pela internet são crescentes. Os chamados “Ministérios de Dança” são grupos que participam nas celebrações da igreja com coreografias durante os “cânticos espirituais”. Tecidos, bandeiras, bambolês e fitas compõe a estética desta performance. Assim é proposto o debate sobre as práticas empregadas neste universo, ao identificar valores referenciais que organizam relações em rituais de consagração e legitimação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dança, evangélicos, adoração.

## INTRODUÇÃO

*“Quem é esta que aparece como a alva do dia, formosa como a lua, brilhante como o sol, imponente como um exército com bandeiras?”*

*O cântico dos cânticos 6:10*

A investigação que dá origem a este artigo tem por objetivo uma exposição introdutória sobre a utilização de tecidos, bandeiras e outros adereços na dança praticada dentro do ritual religioso evangélico. Considerando exclusivamente as dimensões do espaço de culto nos templos<sup>2</sup>, uma vez que esta performance é alterada pelo espaço físico e simbólico na condução dos louvores na liturgia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

<sup>2</sup> A dança dentro do contexto “ministerial” pode ser praticada para diversos objetivos e públicos. Neste artigo limito as considerações da prática no ritual de culto dentro das instituições eclesiais.

Sendo uma reflexão inicial a partir da pesquisa etnográfica que empreendo para dissertação de mestrado, pontuo um dos aspectos a ser analisado no trabalho. Nesta perspectiva estruturo o texto em dois eixos analíticos. O primeiro contextualiza a dança como parte do louvor, porém não reconhecida em determinadas denominações evangélicas. Em seguida abordo as concepções de uma de minhas informantes no trabalho de campo. Faço considerações sobre a escolha das roupas, uso do tecido na dança e significados da utilização de bandeiras como instrumento para adoração.

### A DANÇA “MINISTERIAL”

Ao indicar na década de 90 um período de “pentecostalização”<sup>3</sup> em parte das igrejas evangélicas, deve-se perceber um campo complexo e dinâmico (MARIZ, 1997; MARIANO, 2001; SMIDERLE, 2001). Com a alteração de doutrinas e discursos religiosos, associada às atitudes dos crentes na vida cotidiana em si e não à denominação. Um dos pontos para esta reflexão é a flexibilização dos costumes exigidos dos membros, inclusive cedendo permissão aos jovens para incluir instrumentos musicais, como bateria e guitarra, no momento do louvor.

A prática da dança pelas jovens da igreja era inicialmente autorizada em eventos fora do espaço físico do templo, em atividades de evangelismo. Vestidas com largas roupas que não revelassem o contorno de seus corpos e até mesmo improvisando com antigas togas do coral da igreja, evitavam qualquer situação que remetesse à sensualidade feminina.

Posteriormente, quando puderam participar dos cultos dominicais, preparavam coreografias para apresentação em eventos específicos ou festivos. Grande parte dos grupos apresentava pouco virtuosismo e limitado desempenho técnico<sup>4</sup>. A movimentação era uma mímica da letra das músicas, mais próximo de uma representação literal da palavra cantada do que uma dança propriamente dita.

---

<sup>3</sup> “No Brasil, enquanto os processos de secularização e racionalização atingiam os setores cristãos (catolicismo, protestantismo histórico etc.), o pentecostalismo surgiu como uma possibilidade, ainda tímida na primeira e segunda fase, mas muito forte na terceira, de valorização da experiência do avivamento religioso. No neopentecostalismo, essa característica radicaliza-se em termos de transformá-la em uma religião da experiência vivida no próprio corpo, característica que tradicionalmente esteve sob a hegemonia das religiões afro-brasileiras e do espiritismo kardecista” (SILVA, 2007, p.208-209).

<sup>4</sup> Vale destacar que as estratégias de divulgação dos ministérios e a preparação técnica dos intérpretes não eram tão difundidas entre as igrejas, o que ocorreu de modo mais eficaz principalmente pelo acesso à internet no final dos anos 90.

Contudo alguns grupos apresentavam alto nível de virtuosismo e concepções bíblicas mais amadurecidas sobre o ofício. Neste período, por exemplo, havia a Cia. MUDANÇA de Isabel Coimbra em Belo Horizonte e Cia. Rhema de Teatro e Dança da Pr. Adriana Pinheiro em Goiás. Desempenhando técnicas de dança moderna e balé clássico, também atuando em missões evangelísticas internacionalmente.

Todavia pretendo neste momento, apenas dar ênfase a uma situação mais comum entre pequenos grupos, nivelando-os em uma massa que não considero soma das qualidades individuais dos participantes, mas fragmentos em comum que compõe o todo (SIMMEL, 2006), permitindo apresentar uma noção mais geral dos acontecimentos.

Para os evangélicos a bíblia é o livro de direcionamentos divinos, sendo sua interpretação revelada através do Espírito Santo. A exegese de versículos que citavam a palavra “dança” serviu como uma ferramenta importante para alicerçar a compreensão de um desígnio celestial para a performance. Como uma “referência bibliográfica” para a prática, os ministérios argumentavam com as lideranças pastorais sobre a legitimidade da dança nos templos,

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som. No entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz (SALMOS, 19:1-4).

A tentativa de adoração através da linguagem corporal, dentro dos templos, foi bastante conflituosa para denominações evangélicas tradicionais. Por não aceitarem a legitimidade na liturgia, autorizaram a prática apenas em eventuais atividades onde dança, artes cênicas e música estruturavam uma linguagem artística com fins de novas conversões, visando à aproximação de um público jovem, mas sempre fora da igreja.

Este momento de “renovação” dos hábitos, costumes e doutrina, refletiram efetivamente nas práticas litúrgicas, ao causar inúmeros conflitos. Desmembrou congregações que formaram novas denominações independentes, servindo de agente para a reconfiguração do campo protestante, por meio de intensas disputas ideológicas. O movimento de renovação espiritual e a pentecostalização das práticas religiosas podem ser indicados como marco para permissão e inserção da dança nas igrejas evangélicas.

Sendo o espaço ocupado pelas jovens durante o louvor, os ministérios de dança contavam com a participação masculina apenas na composição de cenas, como por

exemplo, na figura de Jesus ou de um anjo. Neste momento inicial a prática continuava coreografada, no formato performático outrora apresentado nas ruas. A dança apenas se “compactou” em um templo.

A disposição espacial era desfavorável à prática, pois a maior parte destinava-se aos cantores e aos instrumentos musicais, além dos cabos, fios, púlpito, jarros e enfeites do altar. O que sobrava era aproveitado para movimentação com giros e braços, os deslocamentos tornavam-se inviáveis. Com toda a congregação de pé, os intérpretes muitas vezes não eram visualizados.

Ao identificar o “fluxo” da dinâmica desta performance, em sua contínua transformação e reelaboração através do tempo (TURNER,1974), destaco o fato dos ministérios permanecem na reivindicação de espaço para prática elaborando diversos mecanismos simbólicos. Contudo pretende-se manter a dança como uma “prática idêntica” que contemple passado, presente e futuro, para um “modelo restaurado” (SCHECHNER, 1985). Os ministérios retomam as “origens” da dança no cristianismo como tendo suas raízes no judaísmo. O modelo interpretado buscou nesta realidade social simbolização que os certificassem para uma adoração “aceitável” (GEERTZ, 1978). Então é ao “inventar” suas tradições (HOBSBAWM; RANGER 1997) que os ministérios conseguem se firmar na liturgia pentecostal.

É importante compreender que ao longo de aproximadamente duas décadas, os grupos foram ganhando dimensão e ampliando suas atuações. Podem-se identificar duas posturas divergentes na prática da dança. Chamo atenção para o fato de que habilidade técnica e estilo não são questões que diferem um ministério de dança de um “grupo de dança”<sup>5</sup>. São as características morais esperadas de um adorador e seu comprometimento o diferencial para que a performance no culto ocorra de forma satisfatória.

Após a divulgação do estilo de música “Gospel”<sup>6</sup>, a lógica comercial intervém na prática religiosa. Os integrantes dos ministérios passam a ter divergências sobre as perspectivas da dança como adoração, um embate frente à possibilidade de uma prática que

---

<sup>5</sup> A categoria “ministério” carrega a ideia do designo, uma responsabilidade “espiritual” para missão individual diferente do “grupo” na perspectiva de um universo secular que não abrange os objetivos de um ministério.

<sup>6</sup> “A projeção da chamada “música gospel” em âmbito nacional, capaz de atingir diferentes camadas sociais e culturais entre os evangélicos, não fazendo distinção entre o erudito e o popular, e que passou a ser o “carro chefe” das mais diversas liturgias eclesiais” (MENEZES, 2010, p.3).

visasse o “espetáculo”<sup>7</sup>. Pois nesta compreensão sendo “entretenimento” de um público, todos os benefícios espirituais do louvor seriam retirados, reformulando o objetivo da dança,

O ponto notável é que estas performances não tem uma vida independente: elas estão ligadas à audiência que as ouve, ao espectador que as assiste. A força da performance está na relação muito específica entre os performers e aqueles para quem a performance existe. Quando vem a audiência consumidora os poderes espirituais se vão (SCHECHNER, 2011, p.215).

São realizados eventos como seminários e congressos em todo o país com objetivo de sanar os conflitos relacionados às diversas questões no âmbito da prática da dança e de debates religiosos.



Fig. 1: Chamada divulgada no facebook para o III Seminário Internacional Marcas em Mauá, São Paulo.

Reunindo integrantes e líderes, é um espaço para “transmissão” de conhecimento compartilhado<sup>8</sup>. Os preletores são líderes ministeriais de grande relevância na área ou

<sup>7</sup> Sobre o tema da espetacularização, ver Paula (2007).

<sup>8</sup> *Ibidi.*, p.228.

especialistas, como os alunos evangélicos formados nos cursos de graduação em dança<sup>9</sup>. Pregações sobre a postura esperada dos intérpretes, oficinas, comercialização de artigos de dança<sup>10</sup> em uma agenda extensa de cultos movimentam esses eventos.

Divulgados pelas redes sociais, mobilizam caravanas de todo o país e eventualmente contam com palestrantes estrangeiros. Com público de faixa etária diversificado, pode atender de crianças a senhoras. A adesão masculina nos ministérios é percebida, ainda que discretamente. Quando um estilo como o *street dance*<sup>11</sup>, é apresentado em participações “especiais” no culto (separado do momento dos cânticos no louvor), a adesão em massa dos jovens é notável.

Contudo no espaço do louvor onde a dança não está coreografada, na chamada adoração “espontânea” as mulheres são mais aceitas pela congregação e liderança pastoral do que os homens, reproduzindo formas específicas se viver masculinidade e feminilidade. Trazendo o gênero como uma categoria de análise nesta tensão entre a dança e o homossexualismo. Dois eixos conflituosos dentro do cristianismo nos aspectos de controle do corpo ao analisar incidências entre cultura e tradição religiosa.

Nas congregações em cultos dominicais, a performance atinge seu clímax, tornando-se completamente eficaz quando há o “mover” do Espírito Santo. Identificado nos momentos de intensidade totalmente alta<sup>12</sup> nos louvores. A ministração dos cânticos e da dança vão crescendo em ritmo progressivo, promovendo o elo entre a prática performática dos ministérios e a participação da congregação. Um espaço de contrição, choro, riso, gemidos e até mesmo silenciosas orações.

Em igrejas pentecostais, a interação é tão intensa que frequentemente os “irmãos” saem dos bancos e misturam-se no altar com os ministérios. É o Espírito Santo que ao “passar” pela congregação promove a “liberdade” para adorar. No evangelho de João, Jesus traz orientações sobre a adoração,

Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.

---

<sup>9</sup> Sobre o tema dos cursos em dança de nível superior no país e a adesão dos alunos evangélicos para atuação nas igrejas ver Ricco (2012).

<sup>10</sup> Camisetas do evento, uniformes de marcas conhecidas no meio secular como Cappezio e Dina Nina, roupas para dançar na igreja, livros, CD, DVD, tecidos, bambolês, fitas etc.

<sup>11</sup> A questão é emblemática quando associada a um estilo de dança culturalmente associado ao feminino, como por exemplo, o balé clássico.

<sup>12</sup> Schechner (2011) identifica sete partes que compõe a sequência total das performances. Em treinamento, oficinas, aquecimento, performance, esfriamento e balanço.

Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade (JOÃO, 4:23-24).

Não é prática recente a dança no pentecostalismo, se for considerado o “mover” e a adoração conduzida pelo Espírito Santo. O que difere a dança de hoje com esse “dançar no espírito” analiticamente é mais o formato da performance do que seu objetivo. De modo crítico e pejorativo muitos evangélicos, em um tom jocoso apelidaram esta movimentação por “sapatinho de fogo”<sup>13</sup>. É neste momento do “passear do Espírito” que a interação entre intérprete e congregação ocorre de forma mais intensa, permitindo a percepção de como o espaço do culto projeta a performance.

## USO DE OBJETOS NA DANÇA

Em uma longa conversa, após eu ter participado do evento organizado por ela em São Paulo semanas antes deste nosso encontro, Laura me diz: “*Aqui eu sou conhecida como a menina das bandeiras*”. Esclarecendo-me sobre os instrumentos que utiliza em suas ministrações e o respeito e seriedade que carrega em seu ofício.

Neste dia ela ofereceu compartilhar comigo, sua apostila sobre o uso de bandeiras na dança, mesmo que inacabada. Então, quando comecei a escrever este artigo, entrei em contato com Laura pelo *facebook*, solicitando autorização para abordar o tema através de suas informações. Orientando-me a aguardar, disse que primeiramente iria orar para saber se esse era o momento de divulgar suas reflexões, e se estou escrevendo por este viés certamente a “indicação” espiritual que ela aguardava foi concedida, ainda que um mês após meu pedido.

Minhas reflexões advêm de questões muito particulares desta jovem que dedica tempo e vida, nas atividades relacionadas à dança com o propósito de “servir integralmente” ao seu ministério que é “adorar a Deus”. Tendo uma capacidade comunicativa peculiar, criou uma teia de relacionamentos internacionais entre líderes de

---

<sup>13</sup> Um “sapatear” de olhos fechados, rodopiar, mexer os braços e de modo frenético, em meio ao fervor dos cânticos e das orações (geralmente em línguas estranhas, a glossolalia), parecendo estar em um “êxtase espiritual”.

grandes igrejas, intérpretes que trabalham a dança como estratégia de evangelismo<sup>14</sup> e jovens de inúmeros ministérios no Brasil. Reúne-os em um seminário internacional que ocorre anualmente em Mauá, São Paulo, tudo através das informações divulgadas via internet e principalmente pelas “amizades” em redes sociais.

A apostila desenvolvida por Laura é dividida em sua reflexão inicial dos textos bíblicos, seguido de orientações técnicas para dançar com bandeiras de Ann Mack<sup>15</sup>. Tudo começa com uma palavra de exortação, para que o “caminho de Deus” esteja preparado, figurando o retorno de Jesus.

Embasa sua reflexão ao destacar a passagem, “*Passai, passai pelas portas; preparai o caminho ao povo; aterrai, aterrai a estrada, limpai-a das pedras; arvorai bandeira aos povos*” (ISAÍAS, 62:10). Laura compreende a formação dos ministérios de dança como uma ferramenta celestial desta preparação para o retorno do Cristo, pois será através da linguagem corporal que os escolhidos ao chamado deverão proclamar salvação, cura e libertação espiritual,

Eu creio que o que acontece no reino espiritual é revelado em movimento no reino natural. Por isso temos visto uma crescente a respeito da adoração com bandeiras nas igrejas e agora também nas ruas. Há movimentação no Reino de Espírito! As bandeiras estão anunciando que um tempo novo está chegando! É tão intenso quando levantamos as bandeiras no culto e sentimos os céus se abrirem. Como se elas anunciassem a presença do Espírito Santo, entronizassem ao único que é digno Jesus e expressassem a glória de Deus enchendo o lugar. É lindo, intenso e profético! As bandeiras podem ser de modelos variados, cores, estampas e tecidos diferentes. Tudo isso produz sentindo, precisamos ter a sensibilidade do Espírito santo para reproduzir em dança o que Ele deseja por meio delas (em fase de elaboração).<sup>16</sup>

Chama atenção para a responsabilidade e o temor frente à prática, colocando o espaço do intérprete “entre” os dois mundos, espiritual e material. Devendo cumprir com eficiência a prática de intermediar a mensagem dançada, na inspiração do Espírito Santo alcançando a igreja através de seus movimentos.

---

<sup>14</sup> Inclusive através de objetos como o bambolê. Sobre o tema ver a organização “Hoola for Hapiness” em [www.hoolaforhapiness.org](http://www.hoolaforhapiness.org).

<sup>15</sup> Americana líder de um ministério de dança pioneiro no uso das bandeiras, também estava presente no evento Marcas de 2013. Laura a conheceu através da internet.

<sup>16</sup> Apostila “*Bandeiras na adoração*” desenvolvida por Laura. Manuscrito em fase de elaboração para divulgação nos eventos dos ministérios dança.



Fig.2: Ministração com tecidos e bandeiras em momento de interessão pelo país.

É somente quando o intérprete compreende os motivos espirituais da prática, que o ministério se completa e ele pode atingir sua transformação em um “verdadeiro adorador”. A mensagem vem do sagrado e assim os objetos vão ganhando sentido com a dança dentro de cada contexto em culto, trazendo “propriedade na missão”. Ela interpreta que as bandeiras “*sinalizam um povo*” ao unir dança e congregação em um único exército que anuncia o Cristo no local de pregação e culto. Sendo o mais importante declarar em cada movimentação “*‘Yahweh-Nissi’, o Senhor é a minha bandeira*”.

É a partir desta construção do que é adorado e como deve ser a adoração que Laura apresenta<sup>17</sup> os modelos de bandeiras. “*Asa flag, bandeira média e bandeira elevada*”, descreve o material de confecção e compartilha experiências espirituais, testemunhos e

---

<sup>17</sup> Todo conteúdo apresentado a partir deste ponto da apostila é indicado por Laura como de propriedade autoral de Ann Mack.

sentimentos em decorrência do uso de cada uma delas. As cores também podem compor simbolicamente a prática, sendo dos versículos bíblicos a origem das descrições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Laura foi idealizadora do evento Internacional Marcas, o primeiro contato que tive no campo para esta pesquisa. Por sermos “amigas” de *facebook* conversamos apenas por este canal, visto a distância de nossas cidades. No dia que marcamos uma conversa no shopping de Mauá, ela chega sorridente, e diz estar com fome. Sentamos numa lanchonete na praça de alimentação e ao tirar a mochila das costas, percebo que ela carregava uma bandeira enrolada num cabo que ultrapassava a extensão de sua bolsa.

Começo comentando sobre o Marcas, falando de minha pesquisa e meus objetivos com as fotografias que tirei no local. Em seguida ela me pergunta sobre “*os meus objetivos*”, Laura não estava se referindo a minha pesquisa em si. Ela tem sempre um modo “espiritualizado” para conduzir os assuntos mesmo cotidianos. Neste momento percebo estar sendo questionada sobre minhas intenções “espirituais” para o trabalho de pesquisa, mas ousou dizer que ela quis trazer à conversa uma reflexão sobre os propósitos que tenho em minha vida “ministerial”.

Inúmeras questões sobre o uso dos objetos foram detalhadas em cada etapa do campo. Interessante destacar que para cada liderança haverá um ponto de maior enfoque quanto à escolha do modelo das roupas e costureira, do uso das sapatilhas a arrumação dos cabelos. São particularidades, que vão enriquecendo a etnografia e criam uma dinâmica ao processo de composição da performance que atende questões espirituais mas também estéticas.

Perguntei a Laura se suas bandeiras e tecidos poderiam ser usados para outra finalidade e ela me responde de modo perspicaz: “*tecido é tecido! Ele não tem... ele é ‘tricoline’ é ‘algodão’, daqui a alguns dias ele vai rasgar e você vai jogar ele no lixo, e aí? Deixou de ser profético naquele momento?*”.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. *Revisada e Atualizada no Brasil*. 2. Ed. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. *Edição Contemporânea de Almeida*. 10. Ed. São Paulo, Editora Vida, 1996.

GEERTZ, C. *Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados*. In, A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

HOBBSAWM, E. *A invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

MARIANO, R. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 2001.

MARIZ, C. *A Teologia da Guerra Espiritual: uma revisão da bibliografia*. PPCIS/UERJ – VII Jornadas, 1997.

MENEZES, J. *Tradição, mercado e poder: um estudo de caso das aproximações e conflitos entre o protestantismo histórico e o neopentecostalismo em londrina (1989 – 2007)*, Revista Brasileira de História das Religiões, n. 8, 2010.

PAULA, R. *Os cantores do Senhor: três trajetórias em um processo de industrialização da música evangélica no Brasil*. Religião & Sociedade. Vol.27, n.2, Rio de Janeiro, Dec. 2007.

SILVA, V. G. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. In: Mana. Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 13 (1), p. 207-236. 2007.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar. 2006.

SMIDERLE, C.G.S.M. *Entre babel e pentecostes: cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 31(2): 78-104 201.

RICCO, A.L.A.R. *Evangélicos e Dançarinos: o caso dos alunos do bacharelado em dança da UFRJ*. 2012, p.69. Monografia, pós-graduação *lato sensu* em Sociologia Política e Cultura. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

TURNER, V. *O Processo Ritual*. Petrópolis, Vozes, 1974.